

## Processos, objetos e rizomas

Alckmar Luiz dos Santos - UFSC/CNPq  
Gilberto Prado – USP/CNPq

*Resumo: Esta comunicação busca discutir a manifestação e as novas possibilidades de produção, e de circulação no espaço eletrônico; da criação poética nos espaços telemáticos, os processos de experimentação e distribuição, com toda uma dinâmica que lhes é própria. Palavras-chave: e-poema, digital, poesia, telemática.*

*Abstract: This communication seeks to discuss the manifestation and the new possibilities in the electronic space of the poetic creation in the telematic spaces; the experimental processes, the circulation and the distribution, with an entire dynamics that is them own. Keywords: e-poem, digital, poetry, telematics.*

### I - O texto entre processo e objeto

O texto literário, tomado como objeto uno e fixo, dentro de uma epistemologia fundada no senso comum e simpatizante de certo neopositivismo, acaba assumindo um caráter estável e uma aparência de continuidade que são, sempre, enganosos. Temos, aí, perspectivas atuais que, na verdade, retornam a velhos hábitos dos estudos literários, desde a tradição exegética medieval, passando pelas hermenêuticas do século XIX e chegando mesmo às várias linhas formalistas que se implantaram ao longo do século XX. Aparentemente, tais hábitos ligam-se a crenças de que existiria uma essência imutável em cada texto, ou uma explicação primeira e totalizante para a sua existência, ou uma chave de leitura definitiva para sua interpretação, ou uma estrutura geradora que constituiria um campo comum para as diferentes leituras. Com isso, esconde-se o fato de que os textos literários, mais do que objetos, são processos culturais e, como tal, carregam consigo toda uma dinâmica que lhes é própria. Bachelard dizia dos objetos das ciências “duras” que eles não são mais do que fenômenos parados e que, para conhecê-los de modo cada vez mais profundo, é necessário reconhecer sua textura fenomenológica. E, dizia mais Bachelard, conhecer um objeto significa torná-lo mais complexo e não, mais simples. Dessa forma, se enxergamos no texto literário um processo e não meramente um objeto, se tiramos dele essa aparência “coisificada”, estaremos mais aptos a apreender seus elementos, suas

fisionomias, seus movimentos de significação. Poderemos, com um pouco mais de certeza, vislumbrar o horizonte de possibilidades que está por trás de sua produção, compreendendo com mais profundidade os fenômenos de criação e de circulação dos textos, ganhando em relevo e tornando mais complexa e mais rica a descrição que deles se pode fazer.

Isso tudo que se acaba de dizer diz respeito ao texto literário impresso, esse que enche páginas de livros, que ocupa colunas de jornais, que se intromete, como citação, em artigos de revistas especializadas. Mas tudo isso pode também ser afirmado do texto eletrônico, esse que se desdobra e se disponibiliza em telas de computadores, que se constrói em redes telemáticas e que se articula em expansões intersemióticas e multimidiáticas. Ora, para dar conta dessa descrição do texto eletrônico mais como processo do que objeto, é necessário estar atento a algumas de suas características mais importantes. É preciso entender como se manifesta, no espaço eletrônico definido pelo monitor, o horizonte de possibilidades de sua produção, como os fenômenos de criação e de circulação dos textos, acima citados, ocorrem nesses espaços telemáticos. Um primeiro ponto a destacar diz respeito à eventual simultaneidade entre a produção e a circulação do texto eletrônico. De fato, é freqüente a sensação de que ler um texto no computador, através da rede, significa também reproduzir e transladar significantes de outros textos, modificando-os na medida em que são lidos ou navegados. Muitas vezes, isso leva a confundir e a colocar no mesmo nível categorias como autor e leitor. Na verdade, é preciso insistir no fato de que temos apenas uma pretensa simultaneidade na produção e na circulação do texto eletrônico. Não se pode negar que as instâncias de produção e de circulação dos textos eletrônicos se alteram, se deslocam e, claro, aproximam-se, se tomamos como referência o que ocorre com o texto impresso. Mas, por outro lado, não há como confundir totalmente um com outro: mesmo um leitor/navegador atual, diante de seu monitor, recompondo e recosturando textos eletrônicos é capaz de diferenciar essas duas funções, isto é, a produção e a fruição dos textos. Na verdade, são como duas temporalidades que não se reduzem uma a outra, mas estabelecem um ritmo em que leitura e produção oscilam, alternam-se, sem que necessariamente tenhamos que confundir uma com a outra. E isso acaba dando à

navegação pelos textos eletrônicos uma oscilação que difere, nessa perspectiva, da leitura dos textos impressos. Nestes, essa alternância entre produção e leitura também acontece, mas em com uma periodicidade muito maior, permitindo estabelecer, se não uma distância temporal, ao menos uma distinção funcional entre autor e leitor.

Um segundo ponto digno de nota seria a efemeridade ou, em outra perspectiva, o caráter sempre movente do texto eletrônico. Devido ao caráter multimidiático e intersemiótico de seus significantes, acompanhado dessa oscilação constante entre leitura e produção, a base material do texto eletrônico se mostra capaz de transformações incessantes, assumindo uma fisionomia proteiforme que é ainda ampliada pela grande velocidade de propagação na rede. E não que isso decorra do fato de esse texto ser construído em dígitos de informação armazenados em memórias eletrônicas virtuais constantemente escritas e apagadas. Na verdade, tanto o texto impresso quanto o texto eletrônico, se entendidos como produtividades, apresentam o mesmo caráter virtual, ambos são construção intencionais de um processo de leitura. A diferença reside nas bases materiais de ambos — o papel impresso, em um; a tela, no outro —, que apresentam concretudes diferentes: salvo exceções como os *Cent Mille Millions de Poèmes* de Queneau, o texto impresso resiste a qualquer modificação na sua aparência física, enquanto que o texto eletrônico apresenta-se sempre maleável, pronto a ser recortado, transcrito, alterado, modificado e transportado para outros espaços textuais, acrescido de outros materiais significantes.

Em decorrência disso, um terceiro elemento importante do texto eletrônico diz respeito à multilinearidade e à fragmentação. Em outras palavras, essa possibilidade sempre presente de o texto eletrônico vir a ser alterado, fisicamente alterado em sua objetividade exposta ao leitor/navegador, faz com que até mesmos os significantes materiais que o compõem sejam relacionados segundo ordens não mais definitivas (como são, por exemplo, parágrafos e versos em textos impressos). Há uma topologia concreta e mutável, uma territorialização precária, para retomar o termo de Guattari & Deleuze, em que os textos eletrônicos somente existem pelos traços e vestígios de seus fragmentos concretos deslocando-se continuamente no espaço telemático. Com isso, eles não apresentam limites fixos preestabelecidos e as fronteiras com outros

textos eletrônicos são tão moventes e indetermináveis como as relações entre os seus próprios significantes. Em decorrência disso, as leituras ou navegações, que sempre buscam estabelecer um ponto regulador (sem que ele seja definitivo), quase nunca encontram apoio em algum elemento materialmente disponível dentro do espaço do texto eletrônico, nada há nele que forneça um base sólida e imediatamente disponível a partir da qual o leitor/navegador possa estabelecer seu percurso. Compete, então, ao leitor, fornecer também essas certezas precárias, esses centros provisórios, essas referências efêmeras sem o qual nenhuma leitura/navegação pode ser feita. No caso, seria interessante retomar a etimologia do termo cibernética, que, em Grego, remete justamente a “kybernetiké”, isto é, “a arte do piloto”. Ela reforça a importância de o leitor dos textos eletrônicos estar consciente de que, mais do que nos textos impressos, muita coisa mais deve ser determinada e definida por ele. O grau de interatividade física, na determinação dos elementos concretos da página impressa é quase nulo (à exceção de textos como os citados *Cent Mille Millions de Poèmes*), enquanto que, no texto eletrônico, é muito grande.

Em certo sentido, os caminhos através dos quais percorremos fisicamente os textos impressos estão preestabelecidos, enquanto que, nos textos eletrônicos, em boa parte, eles estão por construir. Mas, aos poucos, vamos nos acomodando a essa maneira de vislumbrar caminhos que não são imediatamente dados e isso passa até mesmo pela percepção corpórea que temos do texto eletrônico. Assim como há uma maneira de se colocar diante do texto impresso (mesmo que não necessitemos sempre de refletir conscientemente sobre isso), há também uma maneira de se dispor diante da tela do computador. Nossos gestos e posturas corpóreas estão já habituadas, desde nossa alfabetização, a se acomodarem ao texto impresso. Basta prestar atenção à maneira como arqueamos as costas, como abaixamos a cabeça, como estendemos os braços e as mãos, como dobramos nosso espaço corporal e nossos gestos ao foco ocupado pelo livro. Há todo um acomodamento de nossa existência corpórea àquele tipo de texto. E isso não se refere apenas à forma física do livro, à maneira como o manipulamos. Tem a ver também com o modo como ele é lido, gestado, escrito. De modo semelhante, há também uma maneira de acomodarmos nossa existência

corpórea ao texto eletrônico. Não apenas porque estamos diante de um teclado e de uma tela, mas porque até mesmo os gestos que empregamos ao manipulá-lo são outros. Assim, embora os limites do campo visual sejam os mesmos — lendo um livro ou navegando por um hipertexto —, a maneira de selecionar e constantemente reagrupar os elementos do campo visual de um monitor, utilizando um teclado como intermediário, se altera bastante. Há, assim, uma outra maneira de estabelecermos uma con-vivência com ele, o texto eletrônico. Trata-se de outra maneira de descobrir caminhos dentro desse objeto físico que nunca se mostra inteiramente (à diferença de um volume ou de uma revista, que podem ser seguros nas mãos), que nunca se deixa manipular fisicamente, em sua totalidade. E, na verdade, esse leitor dos textos eletrônicos tem a incumbência maior de propor os caminhos que a passagem do impresso à tela lhe subtraiu. Na realidade, menos do que descobrir percursos de leitura, temos que construí-los; mais do que esperar passivamente que eles apareçam, por acaso ou por inspiração, temos que tomar por nós próprios a empreitada de torná-los concretos na tela do computador, manipulando, transformando e alterando alguns desses nós do texto eletrônico (coisa que, no texto impresso, estava fora de questão).

Ora, com isso, é muito fácil cair na tentação de não ver nenhuma ordem ou organização no texto eletrônico, associar a ele apenas um simulacro vazio, uma reprodução oca de um real esvaziado pela sua própria “presença ausente”. Mas não é assim tão simples! Ocorre que, no meio impresso, uma ordenação física evidente se impõe à objetividade do texto, enquanto que no texto eletrônico, compete ao leitor/navegador organizar ou construir parcialmente essa objetividade. O que se pode dizer é que há uma ordem no texto eletrônico com a qual não estamos ainda suficientemente familiarizados, e que nos exige um esforço adicional. Não se trata apenas de ler/navegar o texto, mas também, ao mesmo tempo, de montar as peças efêmeras desse mosaico precário. Assim, o que ali pode parecer caos, desordem, é, na verdade, um novo arranjo cuja fisionomia ainda não identificamos muito bem (e que nunca iremos definir totalmente). Devido ao fato de a base material do texto eletrônico não ter uma forma preestabelecida e fechada, ela exige de nós uma intensa atividade de leitura. Mais do que esperar uma ordem que já seja dada de antemão, devemos

propor uma que se faça enquanto se lê, um verdadeiro *work in progress*. Ora, a base material do texto impresso é um dado *a priori*. Ela já vem organizada na seqüência de impressão: ninguém ousaria ficar trocando páginas porque achou que o autor ou o editor as colocou de modo errado. Já o texto eletrônico nos exige essa intromissão, o que faz da leitura na tela um exercício constante de reacomodações e rearranjos.

Dessa maneira, esse aparente caos do texto eletrônico pressupõe, na verdade uma ordem que lhe é própria, não a ordem da seqüencialidade preestabelecida das páginas impressas (e não é demais ressaltar que estamos aqui falando da base física dos textos), mas a ordem da conectividade, isto é, da possibilidade de se estabelecerem ligações com outras porções do mesmo texto e ainda com outros textos cuja co-presença não poderia estar prevista em sua arquitetura. Se aceitamos que a ordem do texto eletrônico repousa na conectividade, podemos entender como se produzem suas significações (pois a ausência de qualquer ordem possível levaria a uma indiferenciação absoluta, ou seja, à não significação). Sua ordem, então, não resulta de uma fisionomia já dada e decidida de antemão, mas aparece como se fosse um mapa que se fosse desenhando juntamente com o próprio percurso. É por isso que não se pode afirmar que há uma ausência absoluta de linearidade no texto eletrônico. Trata-se, na verdade, de linhas e percursos que se multiplicam e se sobrepõem, exigindo do leitor/navegador uma parcela maior de esforço para escolher, definir e determinar percursos e significações, em condições de contorno muito mais abertas do que no texto impresso. Em resumo, o que poderia ser considerado como falta total de ordem, um caos submetido à arbitrariedade do leitor/navegador, é, de fato, uma ordenação lógica que provém justamente da ausência de uma base material preestabelecida. Por não ter essa objetividade preestabelecida, o texto eletrônico vai exigir de nós, a cada passo, a cada ligação, a cada hipertextualização, que desenvolvamos uma lógica distinta na armação dos significantes.

## **II - Os espaços telemáticos: uma topografia do rizoma eletrônico**

Descrever os textos eletrônicos como rizoma significa, primeiramente, que não se estabelece diferença rigorosa entre eles e o espaço telemático em que se dão a ver.

Aliás, retomando o que Guattari & Deleuze disseram do rizoma, fica mais fácil entender essa identificação. Dois princípios do rizoma, de início, parecem interessantes para aprofundar a reflexão acerca dos textos eletrônicos: a interconectividade e a heterogeneidade.

No que diz respeito ao primeiro, os dois filósofos franceses afirmam que qualquer ponto do rizoma está potencialmente conectado com qualquer outro. Isso significa que as fronteiras que delimitariam o espaço de um dado rizoma nunca estão colocadas de modo definitivo, uma vez que ele assume arranjos e extensões sempre diferentes, sempre em movimento. De outro lado, esse princípio de interconectividade total pode esconder um princípio de homogeneidade que se contrapõe justamente à já citada heterogeneidade. Quando se afirma que todos os nós são equivalentes, está-se dizendo que, sob uma certa perspectiva, todos eles são idênticos, o que resulta numa concepção simplista tanto do rizoma, em geral, quanto das redes telemáticas, em particular. Isso parece lembrar aquilo que McLuhan chamou de “aldeia global”, devido à presença e aos efeitos dos meios de comunicação de massa. Ora, uma aldeia global pressupõe uma imediatez de comunicação entre todas as suas partes, além de uma simplicidade nessa troca de informação. Não é o caso, de modo algum, das redes telemáticas, submetidas a toda espécie de transtorno, de mal-entendidos e de complicações. Na verdade, há uma complexidade imensa desse espaço em que o texto eletrônico se dá a ver (e que, também, se dá a ver como texto eletrônico). Em lugar de uma aldeia global, ou de um rizoma com relações imediatas entre seus nós, eu diria que há um universo global, interligado, sim, mas extremamente complexo. Complexidade, aliás, de que nem a palavra aldeia, nem essa equivalência entre os nós dão conta.

Essa pretensa homogeneidade poderia levar a uma indiferenciação, uma vez que toda significação funda-se justamente nas diferenças recíprocas entre os elementos constituintes de um dado sistema. De fato, se qualquer nó é equivalente a qualquer outro, todo percurso de um nó a outro é sempre o mesmo e o rizoma se resumiria a um percurso circular, voltas e mais voltas em torno do mesmo ponto, e ele se reduziria a algo extremamente simples, a um objeto que não seria nem mesmo



unidimensional, mas adimensional. Ora, de um nó a outro, há caminhos e caminhos, trajetórias e trajetórias. O fato de um nó estar interligado a outro não significa que um seja equivalente ao outro, nem que os percursos entre eles sejam sempre os mesmos. Se assim fosse, o hipertexto eletrônico e o ciberespaço seriam uma massa indistinta e amorfa de significantes idênticos. Mas, sendo idênticos, deixariam de ser significantes, pois somente aparecem como tal pela diferença recíproca entre eles.

Por outro lado, esse princípio de conexão é importante na medida em que nos mostra que as diferenças recíprocas são necessárias para que qualquer texto (eletrônico ou não) faça sentido. Com isso, afasta-se uma pretensa homogeneidade entre os nós desse rizoma. De outro lado, se os nós são distintos, os percursos, é claro, também o são. Isso afasta um vale-tudo que acomete com frequência quem navega no ciberespaço: já que não há centro algum, nenhum princípio regulador, como consequência, qualquer coisa equivaleria a qualquer outra coisa e nenhum sentido poderia ser vislumbrado a partir daí. Ora, os percursos são distintos e deve ser possível estabelecer critérios que permitam diferenciar (mesmo sem juízo de valor) um percurso de outro. Aí vem uma função própria a quem está lendo/navegando um texto eletrônico: a ele compete estabelecer seus referenciais, seus centros, mesmo sabendo de antemão que são sempre provisórios e efêmeros.

E a totalidade do texto eletrônico visto como rizoma se dá, então, nessas diferenças que se acumulam e se movimentam incessantemente. É claro que um centro unificador e definitivo não faz parte de sua lógica de produção, mas, ao se dar à leitura, a função centro pode ser preenchida ou assumida de alguma maneira pelo leitor/navegador. E não se trata de reduzir a pluralidade de que é feito o texto eletrônico<sup>(1)</sup> a uma perspectiva unificadora e, por conseguinte, redutora, mas de enxergar aí uma totalidade aberta, percorrida, no máximo, assintoticamente pelo leitor/navegador. Dessa maneira, falar do texto eletrônico como um todo coerente não implica reconhecer todos os seus detalhes, todas as suas iminências e latências de significação, mas atribuir-lhe centros provisórios, metáforas-mapa que serviram apenas para que se possa manipulá-lo e fazer rotacionar suas significações. É o mesmo que se faz com o infinito. Como se manipula o infinito? De duas maneiras: através de uma



metáfora, como se fizéssemos de conta que o detemos inteiramente em nossas operações significantes, ou por aproximação, em que nos aproximamos dele constante e indefinidamente, num percurso assintótico. Pela assíntota, busca-se explicar o infinito, deseja-se entendê-lo como significação; pela figura da lemniscata, nós podemos metaforizá-lo (a lemniscata lembra a imagem do dragão Ouroboros mordendo a própria cauda) e fazer dele um significante. No caso da assíntota, o que se busca é uma pretensa manipulação total, mesmo que sempre adiada, da totalidade. Pela imagem metafórica, o que se faz é lançar de um subterfúgio: a totalidade não está diretamente disponível a operações de significação, mas deixa-se utilizar, quase que docilmente, como significante.

Daí vem, talvez, um dos problemas na maneira como os textos eletrônicos (e o ciberespaço, de modo geral) são entendidos. Trata-se da ilusão de que se está diante de sua totalidade, isto é, de todas as suas possibilidades de significação. Em decorrência disso, caímos naquilo que já chamei de “hiperinflação informativa”, isto é, a ilusão de querer tudo assimilar, como se fosse possível ordenar todos os significantes de uma cadeia de semiose ilimitada. De fato, o que se obtém como resultado é uma espécie de fastio, a redução dos significantes todos a uma indiferenciação absoluta, o que vale dizer, a uma não significação, a um percurso imóvel e, portanto, vazio.

Na verdade, a ausência de limites prévios ou preestabelecidos não implica uma ausência total e constante de fronteiras do texto eletrônico, mas impõe ao leitor a tarefa de recortar, retomar e retraçar constantemente esses limites. Se pegamos o sítio da Enciclopédia Britânica, por exemplo, podemos nos perguntar quais seriam seus limites concretos. Se prestarmos atenção aos resultados de uma dada pesquisa (buscamos, por exemplo, o verbete “espaço”), veremos que, à direita, vai estar o conteúdo disponível na edição tradicional em papel; à esquerda, temos a possibilidade de percorrer outros sítios da web, sugeridos pelo sistema de busca eletrônica da Enciclopédia, além da referência a artigos de revista e livros. Trata-se de espaços moventes, que não estão estabelecidos *a priori*. Pensando na materialidade do texto eletrônico, qual é, então, sua fisionomia, como ele se apresenta e se disponibiliza para nossa leitura? Com efeito, são os leitores/navegadores que, submetidos às condições

de contorno dos sistemas de leitura eletrônica e às imposições dos projetistas do sítio, terão de decidir isso, ao menos parcialmente. Aí está a diferença com relação ao texto impresso. O texto eletrônico, mesmo no que diz respeito a sua base material, nunca está fechado, encontra-se sempre aberto a outras possibilidades de concretização, a outras ligações. Em suma, para o texto eletrônico é verdade que, a cada leitura/navegação, ele se mostra diferente do que apresentou na ocasião anterior. Trata-se, aí sim, de uma galáxia de Gutemberg, em que o texto é estrelado, fragmentado e, em cada fragmento, como num processo de cristalização, brotam novas arquiteturas, proporcionando, na seqüência, novas leituras.

Assim, cada leitor/navegador vai ter a oportunidade de construir seu percurso de acordo com seus interesses, capacidades, disponibilidades tecnológicas etc. E isso não impede que possamos ter percursos totalmente arbitrários, chegando até mesmo à hiperinflação informativa, comentada acima. Queremos dizer, com isso, que o texto eletrônico não está cercado por nenhum otimismo leibniziano, ele não fornece o mapa para se esboçar o melhor dos mundos. Pode acontecer de ele tender ao fechamento solipsista em si próprio, isolando o sujeito em um simulacro vazio (e aí fica difícil não dar razão, ainda que parcialmente, a Jean Baudrillard). Porém, de outro lado, o texto eletrônico pode apresentar-se como caminho aberto mas recorrentemente organizado e reorganizado por seu leitor/navegador, propondo um caminho aberto de leitura/navegação, que busque a cumplicidade o compartilhar do percurso com o outro, abrindo-se para a intersubjetividade.

E essa intersubjetividade deve ser tornada ainda mais explícita, no que se refere ao texto eletrônico. O leitor/navegador necessita de explicitar e reafirmar constantemente esses laços intersubjetivos que tornam possível toda significação, transformando-os em estratégias evidentes e concretas de leitura/navegação cooperativa. Daí a necessidade de evidenciar, o mais possível, as estratégias e os percursos de leitura/navegação. Trata-se de construir mapas em escala real (como no pequeno texto de Borges, intitulado *Del Rigor en la Ciência* (2), do mesmo tamanho e alcance do ciberespaço que se pretende mapear, uma nova cartografia que acompanhe a leitura, materialmente, ao lado do *mouse*, pronta a atender às solicitações e dúvidas

dos leitores/navegadores, sendo constantemente ampliada e reduzida por acréscimos, cortes e recortes. Com efeito, temos aí o que pode ser chamado de uma nova cartografia, movente mas pontualmente ordenada e precariamente centrada, em que se esboça um percurso sempre provisório de leitura/navegação. Não se trata mais de uma cartografia externa, indexatória, impositiva, com ares de ser definitiva, como, por exemplo essa das bibliotecas tradicionais, baseadas, na grande maioria, na classificação Dewey, em que cada novo livro novo, de imediato, já ganha um rótulo, um lugar, uma determinação, como se fosse um uniforme de presidiário. Nos textos eletrônicos, há uma nova cartografia que, neste exato momento e daqui por diante, está sendo constantemente desenhada e redesenhada, pensada e repensada. Talvez essa seja uma das grandes tarefas de quem reflete sobre o texto eletrônico: propor mecanismos e estratégias para essa cartografia constantemente esboçada e jamais finalizada, como na imagem do *cartoon* em que o ciclista vai desenhando a linha por onde se equilibra e avança com sua própria bicicleta.

Parece ocorrer com os textos o mesmo que ocorre na descrição das partículas elementares na mecânica quântica. Nesta, a medição de uma determinada propriedade da partícula (velocidade ou posição) perturba e diminui a precisão da outra medida (posição ou velocidade), pois a medição nunca é imparcial, nunca está isenta de efeitos no objeto medido. E isso é ainda mais claro, quando pensamos no campo da linguagem: aí, todo ato expressivo é já uma intromissão, uma sacudidela na generalidade da linguagem. E, no caso dos textos eletrônicos, isso se torna mais agudo, pois até mesmo a base física deles se altera e se modifica a cada leitura. Ou seja, a cada decisão de leitura, a cada escolha de perspectiva e de rumos de navegação, todos as fisionomias e ordenamentos futuros de sua materialidade física são afetados. Ao escolher um certo caminho de leitura/navegação, e não um outro, é a própria constituição física futura do texto, as próximas redes de imagens, que vai ser alterada. Como na criação de Philippe Bootz, intitulada *Passage*, as decisões de leitura/navegação de uma dada execução do poema eletrônico modificam irreversivelmente todas as futuras execuções.

Em relação ao uso de processos telemáticos, a criação poética no Brasil tem mostrado muito vigor. É também interessante pensar no impacto de criação poética por meios eletrônicos da perspectiva de uma tradição literária e visual no Brasil que tem oscilado, nos últimos cinquenta anos, entre a utilização de formas tradicionais de texto impresso e a incorporação (ou reincorporação) de elementos gráficos, vídeos, ambientes virtuais e multiusuários, interação e imersão, entre outras possibilidades da multimídia. A influência da Poesia Concreta é bastante presente nas criações multimídia da última década, onde processos de produção de texto e visualidade ganham artifícios novos e novas incumbências de ler e navegar. É importante a influência de poetas concretos em vários criadores brasileiros das novas gerações, que conscientemente ou não incorporam aos seus trabalhos alguns dos temas centrais da poesia concreta.

Entre os vários exemplos recentes de poesia eletrônica no campo dos processos telemáticos, podemos citar a "tradução" para ambiente eletrônico de alguns textos que concebeu para o papel impresso, o poeta Paulo Leminsky por Elson Froes ([www.lsi.usp.br/usp/rod/poet/leminski/luanagua.html](http://www.lsi.usp.br/usp/rod/poet/leminski/luanagua.html)); ou ainda as experimentações e trabalhos de escritura poética e criação imagética em um novo ambiente expressivo como é o caso das criações que nós estamos desenvolvendo em conjunto (Alckmar Luiz dos Santos e Gilberto Prado) ([www.cce.ufsc.br/~nupill/poemas.html](http://www.cce.ufsc.br/~nupill/poemas.html) e [www.cap.eca.usp.br/wawrwt/poesia.html](http://www.cap.eca.usp.br/wawrwt/poesia.html))(3). De alguma forma, os criadores já tentam conceber um idioma específico para os meios eletrônicos elaborando os aspectos multimidiáticos em relação ao conteúdo verbal. Em ambos os casos, as fronteiras entre textos verbais e não-verbais, já presente desde as primeiras produções concretas, o que foi chamado de verbivocovisual. Neste contexto, também podemos relacionar os trabalhos, entre vários outros, os apresentados por Philadelpho Menezes ([www.pucsp.br/~cos-puc/epe](http://www.pucsp.br/~cos-puc/epe)), os trabalhos de André Vallias ([www.refazenda.com.br/aleer](http://www.refazenda.com.br/aleer)), Júlio Plaza ([www.cap.eca.usp.br/wawrwt/poesia.html](http://www.cap.eca.usp.br/wawrwt/poesia.html)), Augusto de Campos ([www2.uol.com.br/augustodecampos](http://www2.uol.com.br/augustodecampos)); Wilton Azevedo ([www.mackenzie.com.br/interacao/www2003/interpoesia.htm](http://www.mackenzie.com.br/interacao/www2003/interpoesia.htm)) Giselle Beiguelman ([www.desvirtual.com](http://www.desvirtual.com)) e Eduardo Kac ([www.ekac.org/](http://www.ekac.org/)). São várias as revistas e sítios de e-poemas, onde podemos encontrar diversos trabalhos recentes de vários artistas

brasileiros, entre elas a Revista Arteria 8 produzida por Omar Khouri e Fábio Oliveira ([www.arteria8.net](http://www.arteria8.net)) e a compilação de Jorge Luiz Antonio ([www.vispo.com/misc/BrazilianDigitalPoetry.htm](http://www.vispo.com/misc/BrazilianDigitalPoetry.htm)), ou ainda no espaço dedicado à poesia experimental latino-americana (1950-2000) de Clemente Padin (<http://boek861.com/padin/indice.htm>). Gostaríamos também de observar alguns procedimentos e propostas artísticas que trabalham com a idéia de programa e modelos, cálculos, estruturas geradoras de labirintos semânticos, numa relação estreita entre o poético e códigos da lógica computacional como nós podemos observar no projeto “Comunidade de Palavras” ([www.e-gallery.com.br/cp](http://www.e-gallery.com.br/cp)) de Silvia Laurentiz e Martha Gabriel, parte do projeto "Percorrendo Escrituras". Finalmente, em todos os trabalhos, além da diversidade de intenções e sensibilidades, é perceptível a mesma tentativa de esquadrihar e penetrar as vísceras binárias do computador, traduzindo a intenção do desvio poético na leitura e experimentação do mundo em que vivemos.

### Notas:

- (1) Como já disse Barthes do texto literário em geral.
- (2) Em que cartógrafos de um império longínquo aperfeiçoaram tanto sua técnica que chegaram a construir mapas em escala 1:1.
- (3) Entre os trabalhos mais recentes de Alckmar Luiz dos Santos e Gilberto Prado, “Circenses”, de 2007, que pode ser acessado em <http://www.cap.eca.usp.br/circenses>.

### Bibliografia

- ARAÚJO, Ricardo. *Poesia Visual/Vídeo Poesia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- BALPE, Jean-Pierre. *Contextes de l'Art Numérique*. Paris: Hermes, 2000.
- COSTA, Mario. *O sublime tecnológico*. São Paulo: Editora Experimento, 1995.
- Beiguelman, Giselle. *O Livro depois do Livro*. São Paulo, Peirópolis, 2005
- COUCHOT, Edmond. *A tecnologia na arte da fotografia à realidade virtual*, UFRGS editora, RGS, 2003.
- COUCHOT, Edmond e HILLAIRE, Norbert. *l'Art Numérique: comment la technologie vent au monde de l'art*, Editions Flamarion, Paris, 2003.
- DAVINIO, Caterina. *Techno-Poetry And Virtual Reality*, Sometti: Mantova, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- FOREST, Fred. *Pour un art actuel: l'art à l'heure d'Internet*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- GIANNETTI, Cláudia. *Estética Digital – Sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*, Editora C/Arte, Belo Horizonte, MG, 2006.
- LANDOW, George. *Hypertext. The convergence of contemporary critical theory and technology*, Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.
- LAURENTIZ, Silvia. “Uma Apropriação da Cibernética pela Poesia Digital”, in ARS, Departamento de Artes Plásticas ECA/USP, ano4, n 7, São Paulo, 2006.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MACHADO, Arlindo. *Máquina e Imaginário*, Edusp, São Paulo, 1993.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.

- MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.); *Arte e tecnologia na cultura contemporânea*, Dupligráfica UnB, Brasília, 2002.
- MELLO, Christine. "Arte nas Extremidades" in *Três Décadas do Vídeo Brasileiro*, (org. Arlindo Machado), Itaú Cultural, pp. 143 – 174, São Paulo, 2003.
- MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura: Poesia Concreta e Visual*. São Paulo: Ed. Atica, 1998.
- MEREDIEU, Florence de. *Arts et Nouvelles Technologies*. Paris: Larousse, 2003.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet on the Holodeck* The Future of Narrative in Cyberspace. MIT Press, Massachusetts, 2001.
- NÖTH, Winfried. "Máquinas semióticas", in *Galáxia – Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*, São Paulo: educ, São Paulo, p.51-73.
- OULIPO. *La Littérature Potentielle*, Gallimard, Paris, 1973.
- PADIN, Clemente. "Multimedia y Poesia", in *Cadernos da Pós-Graduação*, Instituto de Artes, Unicamp, Vol 2, nº 1, pp. 50-54, 1998.
- PLAZA, Julio. *Videografia em videotexto*. São Paulo: Hucitec, 1986..
- PLAZA, Julio e TAVARES, Mônica. *Processos criativos com meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- POPPER, Frank. *Art of the electronic age*, Thames and Hudson, 1993.
- PRADO, Gilberto. *Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.
- PRADO, Gilberto e LAURENTIZ, Silvia. "Uma leitura poética de ambientes virtuais multiusuário", in *ARS*, Departamento de Artes Plásticas, ano 2, n 3, 2004.
- QUENAU, Raymond. *Cent Mille Millions de Poèmes*. Paris: Gallimard, 1961.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento – sonora, visual e verbal*. Iluminuras e Fapesp, São Paulo, 2001.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. "Do carácter visual do Ciberespaço e de suas Artes", in *Cadernos da Pós-Graduação*, Instituto de Artes, Unicamp, Vol 2, nº 1, pp. 55-63, 1998.
- ..... "Novas e antigas textualidades/novos e antigos sentidos" in *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, V. 58, pp. 51 – 64, São Paulo, 2000.
- ..... *Leitura de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.
- VENTURELLI, Suzete. *Arte: espaço tempo imagem*. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- WARDRIP-FRUIN, Noah & MONTFORT, Nick. *The New Media Reader*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 2003.
- ZURBRUGG, Nicholas (ed.). *The Multimedia Text*. London: Art & Design Profile n. 45, 1995.

Alckmar Luiz dos Santos, nascido em Silveiras, São Paulo. Morou em Lorena, em São José dos Campos, em Campinas (onde concluiu o mestrado em teoria literária na UNICAMP), Paris (doutoramento em estudos literários, com Julia Kristeva) e, finalmente, Florianópolis, onde é professor de Literatura Brasileira, na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre os livros de poemas publicados: *Retrato e Percurso*, em 1997; em 1998, *Meu Tipo Inesquecível*; *Rios Imprestáveis*, premiado e publicado pela revista *Cult*. O livro de ensaios *Leitura de nós: ciberespaço e literatura*, foi publicado pelo Itaú Cultural em 2003.

Gilberto Prado, Artista multimídia, professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA – USP. Tem realizado e participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior. Trabalha com instalações interativas e arte em rede. Publicou em 2003 pelo Itaú Cultural, o livro *Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*.

<http://www.cap.eca.usp.br/gilbertto>